

Dívida externa 15 JUN 1984

Banqueiro propõe a credor uso da força

Caracas — O banqueiro Pedro Pablo Kuczynsky, presidente do First Boston International Bank e da firma Halco Mining, de Pittsburg, adotou ontem uma atitude inusitada ao exortar os países da América Latina a exercerem maior pressão política sobre as nações industrializadas na procura de melhores condições para renegociar sua dívida externa.

Ao falar na abertura de um simpósio empresarial sobre dívida, petróleo e desenvolvimento, Kuczynsky pediu "mais clareza e pressão" aos ministros das finanças e chanceleres de sete devedores latino-americanos — Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru e Venezuela — que se reunirão em Cartagena, na Colômbia, dentro de uma semana.

Depois de destacar que também é preciso haver mudanças na política financeira norte-americana, embora neste ano eleitoral seja pouco provável que isto ocorra", Kuczynsky sugeriu que a reunião de Cartagena adote as seguintes decisões: 1 - Expor claramente ao mundo industrializado que a América-Latina não repudia a dívida; 2 - Exigir dos países industrializados que se estabeleça um limite às taxas de juros; 3 - Estabelecer que o refinanciamento das dívidas deve ser a longo prazo (10 anos no mínimo); e 4 - Exigir participação dos governos dos países industrializados no problema do endividamento regional.

O presidente do First-Boston International, que também foi ministro das Minas e Energia do Peru entre 1980 e 1982, considerou que um passo efetivo no sentido de sua quarta proposta foi a recente carta, "por certo muito moderada", enviada à reunião de cúpula dos países industrializados em Londres pelos presidentes do grupo de Cartagena.

Destacou, em seguida, o ângulo político da dívida "a partir da alta das taxas de juros norte-americanos que tornam politicamente insustentável a austeridade nos países devedores". Neste sentido, explicou que "o povo na América-Latina não entende, nem tem porque entender, uma austeridade adotada como mecanismo para pagar altas taxas de juros fixadas nos Estados Unidos".

Antes de exortar os países latino-americanos a pressionarem os governos dos industrializados, o banqueiro apresentou um quadro dramático da dívida externa da região (340 bilhões de dólares, três vezes e meia o valor de suas exportações) e da taxa real de juros que se paga (de 20 por cento, pela deterioração dos termos de intercâmbio, apesar de a taxa preferencial nominal ser de 12,5 por cento).

Oitenta e quatro por cento da dívida está estabelecida em dólares, pelo qual há uma dependência das altas de juros determinadas pelos Estados Unidos — afirmou, concluindo que setenta e cinco por cento dos débitos referem-se a bancos privados e quase integralmente a taxas flutuantes. Neste sentido, Kuczynsky antecipou que brevemente estas taxas poderão subir meio ponto ou mais.

Ele lembrou ainda que o protecionismo nos Estados Unidos afeta as exportações da América Latina. Em consequência, os setores econômicos que mais cresceram no norte são os menores consumidores das matérias-primas que a região exporta. E também que o fluxo de recursos para a América Latina se rompeu bruscamente. A região, que recebia 25 bilhões de dólares no final dos anos 70, recebeu apenas 7 bilhões em 1983, enquanto pagou, como serviço da dívida, 30 bilhões de dólares.

Haig

O problema da dívida também foi abordado em Nova Iorque pelo ex-secretário de estado norte-americano, Alexander Haig, durante um banquete organizado por empresários locais. Haig considerou que os bancos internacionais devem tratar separadamente com cada país devedor e exortou o governo norte-americano a assumir suas responsabilidades no endividamento do Terceiro Mundo. "No passado, nós soubemos demonstrar mais generosidade", afirmou.